

491

12.2610

Araribóia estrilou com Salema

Rio de Janeiro, 1574 — Um pequeno incidente assinalou a chegada a esta cidade, do governador da região sul do Brasil, sr. Antônio Salema.

O chefe índio Araribóia, na visita que fez à nova autoridade, provocou ligeiro corre-corre e mal-estar entre os auxiliares de Salema.

Quando o governador ofereceu uma cadeira a Araribóia, este a aceitou incontinenti e sentou-se, cruzando as pernas. Salema, por intermédio do intérprete, observou-lhe que aquela não era a maneira correta de alguém se sentar diante de um representante do rei.

“Ora”, respondeu Araribóia, “se tu souesses como minhas pernas estão cansadas das guerras em que servi ao rei, não estranharias de eu as descansar deste modo. Mas já que me achas tão pouco cortês, voltarei para minha aldeia aonde não se dá importância a tais coisas, e não venho mais aqui”.

Governador do Sul mata dois mil índios

Cabo Frio, 2, outubro, 1575 (Urgente) — Dois mil índios mortos, quatro mil aprisionados e três hereges enforcados — este o balanço da ação devastadora, em menos de um mês, do governador do sul do Brasil, sr. Antônio de Salema.

Salema partiu do Rio de Janeiro em 27 de agosto último, com tropas de São Vicente e Espírito Santo (400 portugueses e 700 índios) para eliminar um foco de invasores em Cabo Frio. O padre Luís de Fonseca, que acompanhou os expedicionários em todos os momentos, deu-nos uma entrevista exclusiva, que vai publicada na página 2. A sua impressão sobre os acontecimentos pode ser resumida na seguinte frase: «não houve coração de bronze que não se enternecesse ouvindo as queixas e lamentos dos pobres índios».

Procurado pelo O BRASIL EM JORNAL, o governador Salema não quis falar sobre a vitória: «Reservo-me para contar tudo num livro sobre a campanha», disse-nos sêcamente.



Carlos IX e Catarina de Médicis



Rei da França morreu Viva o rei seu irmão

Vincennes, 30, maio, 1574 (Urgente) — Minado pela febre, consumido pela violência dos exercícios corporais e dos desgarramentos de sua vida amorosa, morreu hoje, aos 24 anos incompletos, o rei Carlos IX, terceiro filho de Henrique II e Catarina de Médicis e que subira ao trono por morte de seu irmão, Francisco II.

RAZÕES DA MORTE

morte rápida e imprevista, por sufocamento.»

Vincennes, 31, maio, 1574 (Urgente) — Conseguimos obter parte do laudo cadavérico do rei Carlos IX. A autópsia, feita por vários médicos, sob as ordens de Ambroise Paré, cirurgião da corte, tem conclusões importantes.

Diz ela :

— «O pulmão esquerdo está de tal forma aderente às paredes torácicas, em toda a sua extensão, que não se pode pegar o tecido, que está podre, sem que se rompa. Encontra-se aí um depósito de onde se escapa um humor purulento, podre e de mau cheiro e em tal quantidade que refluíu para a traquéia-artéria, causando

NOVO REI

Paris, 19, junho, 1574 — (Urgente) — Recebemos comunicado da Polônia informando que o rei Henrique fugiu, iludindo a vigilância dos seus súditos e carregando todos os diamantes da Coroa.

Paris, dezembro, 1574 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Henrique de Valois, duque Anjou, já está ocupando o trono de França, sob o nome de Henrique III. (Leia, na página 2, completa reportagem sobre os reis Carlos IX e Henrique III).

o Brasil em Jornal

1574/75
N.º 28

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único
Cr\$ 15,00

MÉDICO DESCOBRE

Veias possuem válvulas

Pádua, 1574 (Correspondente) — Uma grande descoberta no campo da anatomia foi feita pelo médico italiano Fabrício d'Acquapendente: as veias possuem válvulas que se abrem para o coração e que só permitem ao sangue circular em direção àquele órgão.

(Reportagem na pág. 3)

Índio fujão agora já pode ser escravizado

Salvador, 6, janeiro, 1574 (Urgente) — Os governadores Luís de Brito e Antônio Salema e o ouvidor-geral Fernão da Silva tomaram hoje importantes medidas a respeito da vida dos índios. (Leia reportagem na página 2).



VEREADOR CARREGOU E VENDEU O PORTÃO

São Paulo, 1575 (Correspondente) — Antônio Fernandes, ex-vereador desta cidade, arrancou um portão da Câmara dos Vereadores, levou para casa e o vendeu a um amigo, André de Burgos, por 250 réis. O incidente causou risos em toda a cidade, mas o austero procurador do Município, sr. Domingos Luís, agiu com energia e exigiu que o portão roubado fosse devolvido sob pena de apreensão e multa de 200 réis. — «Trata-se — frisou ele com azedume — de bem do Conselho e não do sr. ex-vereador. Sua senhoria que mo devolva, sob as penas da lei». Fernandes falou a Burgos e este teve de arrancar, às pressas, o portão do portal de sua casa.

Padre viu massacre de dois mil índios

O Padre Luís da Fonseca foi um das mais importantes testemunhas visuais dos acontecimentos de Cabo Frio, a 2 de outubro último. Ele assistiu à morte de dois mil índios, o aprisionamento de quatro mil outros e viu três hereges irem "direitinho para o céu". É o seu relato pormenorizado dos principais momentos da luta, que damos hoje para os leitores de O BRASIL EM JORNAL, com absoluta exclusividade:

"Pouco antes de Cabo Frio — começa ele — encontramos os tamoios num campo entrincheirado. Entre eles havia dois franceses e um inglês. Nos muitos ataques de lado a lado houve várias baixas. O governador Salema, para não sacrificar seus homens, decidiu cercar a posição inimiga".

FOME E FEITIÇO

«A estratégia de Salema surtiria efeito em pouco tempo. Os inimigos, cercados, não podiam receber alimentos nem água. Em breve, toda a água que possuíam se esgotou e notamos movimentos de desespero entre eles».

O padre se persigna antes de prosseguir:

«Pois bem, nesse transe, um feiticeiro dos índios conseguiu salvá-los. Atirando para o ar ossos de porco, fez chover torrencialmente. Não sei se isso aconteceu porque era noite de lua cheia ou se foi porque Deus assim o quis. A verdade é que choveu e eles não se renderam. Em poucos dias, no entanto, a água se poluiu e a situação voltou a piorar para eles».

CILADA

«Os tamoios estavam numa ratoeira sem saída» — continua padre Luís. «Nessas ocasiões eles se tornam mais perigosos, pois, não vendo salvação, são capazes dos atos mais desesperados. Assim, como o governador notasse que estavam muito silenciosos em suas trincheiras, enviou um emissário — o jesuíta Baltasar Álvares — para parlamentar com eles. Baltasar conhece a língua dos inimigos e era a pessoa mais indicada para missão de extremo perigo, devido a seu espírito de sacrifício e devotamento.

«A 21 de setembro, o padre aproximou-se do campo inimigo, gritando que desejava falar com o chefe tamoio. No dia seguinte, trouxe um tal de Japuguaçu ao encontro de Salema. O governador exigiu-lhe a entrega dos estrangeiros e foi atendido. Eram dois franceses e um inglês».

Nesse ponto o padre Luís pede que o repórter repita textualmente as suas palavras. E ditou, então, pausadamente, o seguinte:

«Tiveram os três uma das mais belas mortes que era possível, isto é, confessaram-se, comungaram, deram as provas de arrependimento e foram direitinho para o céu».

EXIGÊNCIAS DE CÉSAR

Segundo o padre Luís, a guerra poderia terminar com o enforcamento dos estrangeiros. Japuguaçu solicitou, em troca da entrega dos hereges, que lhe fosse concedido morar em Cabo Frio com todos os seus. Seria, na opinião geral, a pacificação mais fácil de se conseguir. Mas Salema impôs novas condições: a entrega de todos os tamoios que tivessem vindo socorrer Japuguaçu.

Cerca de 500 índios foram sacrificados em ato que pareceu selvagem aos próprios soldados. Os outros tamoios, ao verem a sorte que os aguardava, resolveram fugir. O gover-

nador perseguiu-os por algum tempo, matando cerca de dois mil índios e aprisionando quatro mil.

O padre Luís assim resumiu o que se passou:

«A mãe foi separada do filho, o marido da mulher. Uns serão levados para São Vicente, outros para o Espírito Santo. Não houve coração de bronze que não se enternecesse ouvindo as queixas e lamentos dos pobres índios», concluiu.

Índios agora já podem ser escravizados

Salvador, 6, janeiro, 1574 (Urgente) — Os dois governadores do Brasil, sr. Luís de Brito (Norte) e sr. Antônio Salema (Sul), e o ouvidor-geral do país, sr. Fernão da Silva, revogaram, hoje, vários artigos da legislação que protegia os índios brasileiros.

Uma fonte extra-oficial revelou-nos que os três atenderam a uma carta do próprio rei D. Sebastião, que nos foi mostrada, após o encontro de governadores. O trecho que trata do problema da escravidão no Brasil diz o seguinte:

«No que toca ao resgate (compra) de escravos, se deve ter tal moderação que não se impeça de todo o dito resgate, pela necessidade que as fazendas deles têm, nem se permitam resgates manifestamente injustos e a devassidão que até agora nisso houve».

NOVAS DISPOSIÇÕES

No encontro dos governadores com o ouvidor acertou-se o seguinte programa em 10 itens:

- 1— Proibidos os resgates entre índios mansos e pacíficos;
- 2— Podem ser escravizados os índios mesmo mansos que, depois de um ano de vida em aldeias, fujam para o mato ou se ausentem por um ano;
- 3— Escravidão só por guerra lícita ou índios que, escravos de outras tribos, preferirem a escravidão entre os brancos;
- 4— Resgate só com licença dos governadores ou dos capitães;
- 5— Pessoas que acompanharem os índios resgatados terão de passar pela alfândega;
- 6— Escravos fugidos serão devolvidos a seus legítimos donos mediante a paga de mil réis e a indenização de todas as despesas para sua recaptura;
- 7— Índios escravos sem registro serão postos em liberdade;
- 8— São consideradas justas as guerras que os governadores fizerem de acordo com seus regimentos ou as que ocasionalmente se virem obrigados a fazer, com o voto dos oficiais da Câmara, do vigário da terra e do provedor da Fazenda;
- 9— Desobediências estas cláusulas, os índios feitos cativos em outras guerras são considerados livres.
- 10— Penas para os que desobedecerem a esta capitulação:

- a) pessoa de condição inferior — será chicoteada em público e pagará 40 cruzados de multa;
- b) de condição superior, além da multa, degrêdo.

Rei da França é prendado: faz até tricô

Paris, dezembro, 1574 (Suncursal) — A subida de Henrique de Valois ao trono da França é, talvez, depois da Noite de São Bartolomeu, a maior alegria que Catarina de Médicis teve nestes últimos anos. Para ela não tem a menor importância os hábitos pouco reais do novo rei: fazer tricô, costurar, bordar etc. É o seu filho predileto e não importa que seja a pessoa menos indicada para governar a França nestes nossos dias, pois levá-lo ao trono foi sempre o seu sonho.

Na verdade, Henrique é o mais bem dotado dos filhos de Catarina: tem uma inteligência viva e cultivada, uma eloquência atrativa e grandes qualidades de simpatia pessoal. Mas não possui nenhuma firmeza de caráter. É efeminado, fraco, de moral duvidosa. De temperamento delicado, cresceu em ambiente pouco propício para despertar nele qualidades de governante.

Apesar de sua debilidade moral, Henrique teve sempre grandes ambições, entre elas a de ser e se sentir rei. Nascido em Fontainebleau no dia 19 de setembro de 1551, aos 18 anos, durante o reinado de seu irmão Carlos IX, teve que abandonar as delícias da corte, para chefiar o exército real na terceira guerra de religião.

Sob a tutela dos duques de Nemours e de Montpensier, obteve sobre os huguenotes as brilhantes vitórias de Jarnac (março de 1560) e Montcontour (outubro), vitórias que a paz de Saint-Germain anulou logo (1570). Sob o predomínio de Coligny e dos calvinistas, Catarina de Médicis tentou casar o então duque de Anjou com Elizabeth, da Inglaterra.

Mas esse projeto dirigido contra a Espanha não pôde ser realizado por oposição da rainha inglesa. Mais tarde, quando a hegemonia na corte se fez intolável, Henrique participou ativamente na preparação da noite de São Bartolomeu, arrancando a Carlos IX a permissão para acabar com os huguenotes. Pouco depois atacava La Rochelle.

Historiador morre preso no Mosteiro

Lisboa, 30, janeiro, 1574 — O historiador Damião de Góis acaba de morrer, no Mosteiro da Batalha, às vésperas de completar 72 anos. Espírito aberto às novas conquistas da inteligência neste século, foi um dos maiores representantes das idéias universais em nosso país.

Góis nasceu em fevereiro de 1502, em Alenquer. Entrou para o palácio em 1511, na qualidade de pagem do rei D. Manuel. O sucessor deste, D. João III, encarregou-o de diversas missões no estrangeiro, a fim de manter contacto com «todos os reis, príncipes, nobres e povos da cristandade». Em Wittemberg conheceu Lutero e Melancton, Erasmo em Friburgo, Bembo e Sadoletto na Itália. Em 1542 defendeu Louvain contra os franceses. Prisioneiro de guerra, foi solto mediante fiança de 6 mil ducados.

Em 1545 radicou-se definitivamente em Portugal e escreveu, sob as ordens do cardeal-infante D. Henrique, a «Crôni-

Com o pulmão podre morre o rei Carlos

Vincennes, maio, 30, 1574 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL) — Suando sangue e com o corpo franzino reduzido a pele e ossos, morreu hoje, às 15 horas, o rei Carlos IX.

Sua doença foi demorada e sua agonia lenta: ele adoeceu em outubro do ano passado, logo depois do embarque de seu irmão Henrique para a Polónia e neste último mês sua fraqueza era tal que quase não se podia sustentar de pé.

Carlos Maximiliano era o terceiro filho de Henrique II e Catarina de Médicis. Nasceu em Saint-Germain-en-Lacy, a 27 de julho de 1550 e subiu ao trono com a idade de 10 anos, sucedendo a seu irmão Francisco II. Reinou, portanto, quase 13 anos e melo e morreu com 24 anos incompletos.

Duque de Angoulême, primeiro, depois duque de Orléans, por morte de seu pai, Carlos IX era casado com a rainha Elizabeth e não deixava descendentes varões. O rei era de aparência simpática. Seus olhos, rasgados, muito se assemelhavam aos do pai.

Ele dançava bem, era artista, pintor e escritor, deixando um livro incompleto sobre a caça — sua grande paixão e responsável, talvez, pela rudeza de seu caráter. Franzino de corpo, gostava dos exercícios violentos e tocava a trompa com ferocidade, passando, às vezes, noites inteiras a galopar, alucinadamente, quase sem dormir e comer.

Segundo Ambrósio Paré, médico que o assistiu nos últimos momentos, o rei «gastou seu pobre corpo de tanto soar a trompa na caçada ao veado».

DE SEVERO A CRUEL

Depois do massacre do São Bartolomeu, que autorizou, Carlos IX mudou completamente de humor. Ele tinha visões noturnas e alucinações que demonstravam o seu arrependimento. Ficou triste e quase não falava, recebendo com desconfiança os que com ele iam tratar de negócios.

Logo após uma visita ao soberano, o embaixador veneziano afirmou ao repórter de O BRASIL EM JORNAL, credenciado no Louvre:

«Temo que de severo ele se transforme em cruel».

GOLFADAS DE SANGUE

Vincennes, 30, maio (Urgente) — A doença que vitimou o rei começou a princípio com uma febre errática que, com o tempo, se tornou constante. Suores sangüíneos e golfadas de sangue o incomodavam e impressionavam vivamente a todos quantos o viam.

Sua ama, que era huguenote e a quem o rei tanto queria, afirmou a este correspondente que o sangue que saía do seu corpo era o chamamento do sangue de tantos inocentes sacrificados durante o São Bartolomeu.

Quando bem de saúde, Carlos IX costumava, em sua oficina, no Louvre, forjar suas próprias armas. Ao cair doente, desesperado de curar-se e quase desenganado pelos médicos, entregou-se nova-

mente a exercícios físicos excessivos que, segundo os médicos, abreviaram sua morte.

Ele mudou várias vezes de ares, indo de Vitry a Saint-Germain, de Saint Honoré a Vincennes.

CRUELMENTE ATORMENTADO

Vincennes, 30 (Urgente) — Falando hoje a O BRASIL EM JORNAL, Jean Mazille, médico do rei, afirmou que Carlos IX o mandara chamar sexta-feira.

«Queixando-se de grandes dores — disse Mazille — perguntou-me Sua Magestade se não lhe poderia dar um pouco de alívio, já que estava «terrível e cruelmente atormentado».

«Respondi-lhe que o que dependia de mim e de todos os meus colegas da Faculdade já estava feito e para falar a verdade, Deus era o grande médico a quem no momento era preciso recorrer.

«Eu acredito que o que me dizes é verdade» respondeu o rei.

MELHORARA ONTEM

Vincennes, 30 (Urgente) — A ama do rei Carlos IX não cessa de lamentar a morte do «meu Carlinho».

Ela nos informou que logo após a saída de Mazille, sexta-feira, o rei implorara a Deus por misericórdia, dizendo:

«Que de sangue, que de mortes. Deus misericordioso, perdoad-me. Que farei eu? Que será de mim? Eu estou perdido».

FEBRE MA

Vincennes, 30 (Urgente) — Jean Mazille, o médico de Carlos IX, não informou o nome da doença que matou o rei.

«Foi uma febre má» — disse-nos ele, acrescentando: «Amanhã será feita a autópsia e poderemos saber com exatidão».

A ignorância do nome da doença do rei Carlos IX veio aumentar a onda de boatos que já circulavam na corte há muitos dias: Afirma-se que ele foi envenenado.

Já se disse também que a doença do rei se devia a artes diabólicas. Por causa disso a rainha Catarina fez prender, julgar e decapitar, a 30 de abril, os condes La Mole e Anibal de Coconas.

A morte dos dois condes em nada adiantou e o estado de saúde de Carlos IX continuou a piorar. O que se fala, agora, é que a rainha Catarina mandou decapitá-los para despistar, pois seria ela a verdadeira autora do envenenamento.

PULMÃO APODECIDO

Vincennes, 31 (Urgente) — Num furo de reportagem, conseguimos apurar os resultados da necrópsia, que provou ter sido a morte de Carlos IX causada por inflamação dos pulmões.

Diz a autópsia:

«O pulmão esquerdo adere de tal forma às paredes torácicas, em toda a sua extensão, que não se pode levantar sem que o tecido, apodrecido, se rompa. Acha-se um vômito de onde se escapa um humor purulento, podre e de mau cheiro.

«O pulmão direito não apresenta aderência, embora seja mais volumoso do que o normal. A parte superior está podre e cheia de um humor pituitofo espumante, parecido com pus.

«O estômago e o piloro, os rins, uréteres e bexiga, o baco e o cérebro apresentam-se normais. A vesícula biliar está vazia, curvada sobre si mesma, enegrecida; o colo está amarelado e as outras partes do intestino não apresentam anormalidade; o coração está flácido e mole, como dissecado, tendo desaparecido todo o líquido que normalmente, se encontra no pericárdio; o epiplon apresenta-se com uma cor anormal rompido em alguns lugares, inteiramente desprovido de gordura.»

Estas informações nos foram prestadas pelo médico do rei, Jean Mazille. Com ele, assistiram à autópsia os seguintes médicos: Vaterre, Alexis Gaudin, Vigor, Lefèvre, Saint-Pons e mais os médicos parisienses Piètre, Brigard, Lafilé e Duret. A equipe dirigida por Ambrósio Paré era composta dos seguintes cirurgiões: d'Amboise, Dubois, Portail, Eustache, Dioneau, Lambert, Cointret e Guillemeau.

Médico descobre que veias possuem válvulas

Pádua, 1574 (Correspondente) — A descoberta de Jerônimo Fabricio revolucionou o que até então se pensava a respeito no terreno da anatomia.

Explicando sua descoberta a O BRASIL EM JORNAL, disse Fabricio :

— «Quando o sangue entra nas bôlsas elas se dilatam, suas extremidades se tocam e o sangue fica impedido de passar. A conclusão é clara e indiscutível : se as válvulas se abrem

A anatomia das veias, antes de Fabricio, foi bem estudada pelo menos duas vezes : no século I depois de Cristo, por Galeno, e no princípio deste nosso século por André Vesale, que foi durante algum tempo professor em Pádua. Mas nem um nem outro deram grande atenção às válvulas. Fabricio não se contentou em fazer minuciosa descrição das válvulas; êle compreendeu toda sua importância fisiológica.

A existência do sangue foi constatada pelos primeiros homens da Terra, por ocasião dos ferimentos de guerra ou de caça. Os antigos, principalmente os gregos, embora não tivessem uma idéia exata de seu papel no organismo, deixaram noções interessantes neste domínio.

Eles sabiam, por exemplo, que circulam através do corpo numerosos vasos que se ramificam em vasos menores; uns,

para o coração, o sangue circula nas veias também em direção ao coração, vindo dos diversos músculos e órgãos.

Por outro lado, Fabricio conhece bem esta observação feita pelos cirurgiões : quando se enfaixa um membro, as veias se dilatam debaixo da atadura, mas nunca pela parte superior do garrote. É uma experiência simples que indica que o sangue vem da extremidade do membro para o coração e não em sentido inverso como se pensava até então.

parecendo cheios de ar, relativamente rígidos, correm sempre a uma certa profundidade sob a pele : são as artérias; outros, cheios de sangue, de paredes flácidas, correm à flor da pele e são visíveis, sob a forma de pequenos cordões azuis : são as veias. Todos esses vasos partem do coração e dos pulmões.

Sabiam ainda que os pulmões eram uma espécie de sacola, onde o ar entra e sai alternativamente. Colocado entre os dois pulmões, o coração é também uma grande sacola, dividida em quatro cavidades aurículas — as duas pequenas sacolas superiores de paredes finas e flácidas — e ventrículos — as duas sacolas inferiores de paredes musculosas e espessas.

Com estes conhecimentos, Galeno, que também foi médico de Marco Aurélio, elaborou uma engenhosa teoria sobre o papel do coração e do sangue. Para êle, o ar é levado ao coração pelos pulmões e os ali-



Jerônimo Fabricio: as veias possuem válvulas

mentos levam ao intestino substâncias nutritivas, as quais formam o líquido alimentar que é transmitido ao coração pelo figado.

No coração, se forma uma mistura de ar e de substâncias nutritivas que provoca o nascimento dos fluidos vitais que são então distribuídos a todo o organismo por intermédio dos vasos, veias e artérias.

Esta concepção é tida nos nossos dias como fantástica, sem apoio da experiência. Mas ela merece ser assinalada para permitir compreender a importância da descoberta que d'Acquapendente acaba de fazer.

Casamento fez o novo rei da Polônia: Estêvão

Cracóvia, 14, dezembro, 1575 — A dieta polonesa acaba de eleger hoje para sucessor de Henrique, que fugiu para a França, Estêvão Bathory.

Ao que se informa, o novo rei foi eleito à custa do apoio turco. Os poloneses haviam dado prazo a Henrique para que

Nova estrêla sumiu

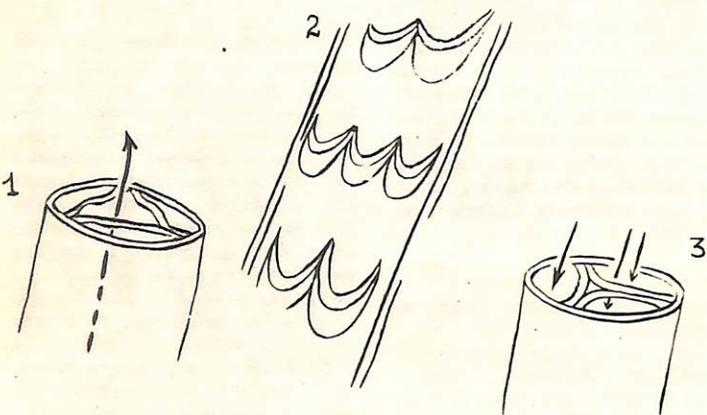
Knudstrop (Dinamarca), março, 1574 (Urgente) — Desapareceu dos céus, depois de brilhar durante 17 meses, a nova estrêla observada pela primeira vez pelo astrônomo Ticho Brahe, quando saía do observatório desta cidade, numa madrugada de novembro de 1572.

NEM RASTRO

A «Nova» — que é como chamam os astrônomos a esses corpos que aparecem nos céus — surgiu na constelação de Cassiopéia e some, agora, sem deixar um rastro sequer.

PUBLICOU

O astrônomo Ticho Brahe publicou uma notícia sobre o aparecimento da estrêla, como O BRASIL EM JORNAL havia adiantado, na ocasião. Essa notícia, demonstrando cabalmente que a estrêla nova era mais distante que a Lua e não participava dos movimentos planetários, contraria a doutrina aristotélica da imutabilidade do espaço.



Três fases da descoberta de Fabricio : 1 — o sangue passa imprensando as válvulas contra a parede venosa; 2 — As válvulas em «ninho de pombo», em uma veia aberta; 3 — O sangue enche as válvulas, que lhe impõem um trajeto em sentido único.

Executado o conde Montgomery: traição

Paris, dezembro, 1574 (Da sucursal) — Condenado por apostasia, heresia e alta traição, foi executado nesta cidade o conde Gabriel de Montgomery, antigo capitão da guarda escocesa, que, nas festas justas de 1559, feriu, com a lança, através da viseira do elmo, o rei Henrique II, causando-lhe a morte.

Montgomery, depois deste acidente, passou três anos em sua propriedade particular, onde acabou convertendo-se à religião reformada, pela qual passou a lutar. Comandando tropas do exército rebelde do príncipe Condé, defendeu Bourges e Ruão do ataque das forças reais. Em 1563, tentou, sem resultado, tomar a fortaleza do Monte de São Miguel, o que daria aos protestantes o domínio do litoral bretão. Em 1569, conquistou Navarra. Após doze anos de guerra, foi

aprisionado no combate de Dronfont e trazido para Paris, onde morreu.

Sobre os boatos de que a morte de Henrique II teria influenciado no julgamento, procuramos ouvir os juizes que o condenaram à morte. Nenhum deles quis falar a O BRASIL EM JORNAL.

Montgomery deixa um filho, também convertido ao protestantismo, servindo sob as ordens do príncipe de Condé, contra o rei da França.

Moda de Paris para o mundo

Paris, junho de 1574 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Paris mais uma vez dita a moda para o mundo — e O BRASIL EM JORNAL publica com exclusividade para suas leitoras a linha mais típica da moda feminina na França.

A saia é bem rodada, com ampla armação por baixo, tendo na barra dois frisos vermelhos. As mangas são praticamente um enfeite : muito compridas, mas largas e abertas, têm um botão vermelho e vistoso na altura do cotovelo.

O corpete é bastante apertado e apresenta quatro cordões presos a quatro pares de botões falsos, terminando por um bonito pendente que, segundo os entendidos, é o que dá mais vida a este modelo. Uma gorjeira envolve o pescoço da dama, combinando sua cor com as luvas, que são brancas.

Por baixo das mangas falsas aparecem mangas muito justas, de tecido grosso e vermelho. E o decote do corpete é vedado por um corpinho interior, branco e enfeitado. Brincos vermelhos e chapéu branco com listas vermelhas completam o vestido, cuja cor é amarela — a que está mais em moda neste reinado de Henrique III.



Ação imprescindível

Nosso propósito ao traçarmos este editorial é chamar a atenção do governo da metrópole para a situação de abandono em que se encontra toda a parte septentrional do Brasil, além da Capitania de Itamaracá, depois de malogradas as tentativas de colonização ainda ao tempo das Donatárias. Depois, o Governo Geral, preocupado com a intromissão dos franceses na Guanabara e, antes, com a guerra dos índios e a estada dos espanhóis no Iguape, não pôde, no decurso de várias administrações, se interessar pelo norte do país. Por isso, os corsários normandos têm quase que ocupado a foz do Paraíba e se encontram em boa camaradagem com a índia, nas regiões do Maranhão. Correm mesmo vozes de que aventureiros ingleses e holandeses freqüentam amiudadamente as ilhas da embocadura do grande rio das Amazonas, a qual, por força da demarcação do meridiano de Tordesilhas, cabe dentro da zona das possessões portuguesas.

No ano passado, pela carta patente de Évora, assinada a 10 de dezembro, El-Rei D. Sebastião nomeou Luís de Brito e Almeida governador das capitanias septentrionais do Brasil. Nós nos manifestamos nesta coluna contrários à divisão do país em dois governos, o que tal nomeação fazia prever; mas o que está feito está e agora se deve fornecer ao novo administrador os elementos necessários ao bom desempenho de sua missão. Se essa divisão territorial foi útil ao desenvolvimento da parte esquecida da colônia, confessaremos que a condenada secessão governamental serviu ao menos para alguma coisa.

Como plano para integrar o norte no sistema colonizador luso do território brasileiro, aconselhamos ao Governo Real, data venia, um avanço duplo, processado da foz do Amazonas para o sul, e de Itamaracá para o norte. Conquista da Paraíba e, em seguida, posse do Potengi, como passo principal para as salinas do chamado Ceará-Mirim. Tomada a Paraíba, impõe-se o avanço até a foz desse rio, onde, segundo parece, há local muito conveniente para se fundar uma fortaleza. Estabelecendo-se os portugueses no Grão-Pará ou no Maranhão, dali poderão com maiores facilidades avançar até o rio Punaré. E, quando estiverem em nossas mãos essas fronteiras, de uma para a outra se fará a devida ligação com a conquista e posse da costa compreendida entre o rio das Onças, de que há vagas notícias, e o Buraco das Tartarugas, onde alguns barcos nossos parece que já tocaram. Esses lugares são denominados na língua geral Jaguaribe e Jericoacoara.

Essa é a ação de que estamos à espera para que se complete o domínio do litoral brasileiro desde Cananéia ao rio das Amazonas. Ela pode ser retardada, mas é imprescindível.



MÚSICA

Lincoln — Inglaterra, 1575 — William Byrd, musicista e compositor católico de 33 anos, um dos mais eméritos da Inglaterra, acaba de ser nomeado organista da Capela Real. Byrd foi aluno de Tallis e, agora, depois da nomeação, ele e seu professor receberam um privilégio, como impressores e vendedores de músicas.

★

Udine, Itália, 1575 — O músico italiano, de origem grega, Chamateró di Negri, acaba de lançar um belo «Magnificat». No ano passado, Chamateró compôs um «Introito» que, como sua atual obra, procura obedecer a certos cânones estruturais determinados pelo Concílio de Trento.

COLUNA MILITAR



Este é um arcabuzeiro das forças do rei Henrique III, de França. Sua indumentária obedece aos requisitos técnicos exigidos pelo regulamento real de arcabuzeiros: uma couraca leve, calças largas, capacete e bolsa com pólvora etc. Em sua mão está o temível arcabuz de fogo, cano longo e cabo curto.

PINTURA

Papagaio ainda não saiu

Pádua, dezembro, 1575 — Veronese não tirou nem pensa tirar o papagaio, o bôbo e os soldados alemães de seu quadro «Ceia na casa do levita». Recordar-se que o pintor foi condenado pelos inquisidores a fazer modificações naquela tela, e o caso, na época, chegou a ter grande repercussão.

Seja porque os próprios juizes se esqueceram da sentença ou porque o quadro afinal agradou em cheio, a verdade é que Veronese não toca mais no assunto e este ano acaba de pintar nesta cidade, para uma igreja local, um bellissimo «Martírio de Santa Justina», de que reproduzimos um detalhe para nossos leitores.

EM SOCIEDADE

Noiva de reis casada com duque

Montargis, França, 1575 — Morreu nesta cidade a princesa que foi noiva de Carlos V e Henrique VIII, mas se casou com o duque de Ferrara e acabou praticamente sem marido, porque protegia em sua corte os perseguidos da religião.

A ilustre morta é Renée, a duquesa de Ferrara, filha do rei de França Luís XII. Ela, que tinha nascido em Blois, 1510, desaparece aos 65 anos. Entre outras coisas foi aluna de Lefèvre d'Étaples e amiga íntima de Calvino. Lia no original os autores gregos e latinos, conhecia matemática a fundo e se ocupava de astrologia. Em 1554, na corte de seu marido Afonso I foi processada e condenada pela inquisição por suas ligações com os protestantes, a quem protegia. Em 1560 separou-se de Afonso e regressou à França, onde continuou protegendo os protestantes, apesar dos acontecimentos.

A noiva de vários reis morreu como uma mulher comum, mas sua linhagem é das melhores da Europa.

★

Paris, 1574 — O nosso grande poeta Pierre Ronsard está envolvido em nova intriga amorosa, que ele considera «minha última aventura». A nova paixão do cinqüentão Ronsard, a quem ele já dedicou um soneto, chama-se Helena de Surgères e pertence ao célebre «esquadrão volante» organizado pela astuciosa Catarina de Médicis.

★

O padre Quirício Caxa, no Brasil desde 1563, fez, diante dos dois governadores do Brasil, srs. Antônio Salema e Luís de Brito, profissão de quatro votos no dia 1º de janeiro do corrente ano de 74.

★

De Cracóvia, na Polónia, manda dizer nosso correspondente que Henrique, ao saber da morte de seu irmão Carlos IX, rei da França, chorou de alegria. Mas, para não despertar suspeitas aos poloneses, jurou que continuaria no trono. Quatro dias após o juramento, abandonou o país em fuga vergonhosa, sendo perseguido por policiais.

★

Em um «furo» internacional conseguimos a carta que Catarina mandou a Henrique, anunciando a morte de Carlos IX.



Renée, a que foi noiva de vários reis

Eis a íntegra: «Vosso irmão morreu, tendo recebido Deus esta manhã; a última frase que ele pronunciou foi: «e minha mãe!». Isto me provocou uma extrema dor e só encontro consolação vendo-vos aqui, como vosso reino exige, mas com saúde, porque se vos perco, eu me farei enterrar convosco, em vida.»

★

O advogado flamengo João Rubens, que devia julgar — como procurador do Conselho — os protestantes e foi condescendente demais, emigrou para Colônia e aí acaba de causar uma pequena tragédia conjugal. Nessa cidade, Rubens se enamorou da princesa Ana da Saxónia, mulher de Guilherme de Orange, e dela teve uma filha, há 4 anos. O príncipe descobriu o romance clandestino da mulher e João Rubens está agora preso. Sua mulher, Maria Pipelinx, está quebrando lanças para obter a libertação do marido.

★

Familiares da Corte francesa garantem que foi depois da morte de sua grande paixão Maria de Clèves (mulher de Condé) que Henrique III adquiriu «esses estranhos hábitos», entre eles: costurar pérolas em vestido, fazer saias para sua irmã Margarida, vestir as componentes do «esquadrão volante», fazer pequenos bordados, tricô etc.

O BRASIL EM JORNAL
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA - Rio

•
Direção
AMARAL NETTO
Assessoria
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO
•
Redação
CLAUDIO SOARES
MARCOS DE CASTRO
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA
WALTER CUNTO
•
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
•
Ilustração
ADAIL
•
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

•
Diretor-Superintendente
LUIZ PIETSCH JUNIOR

•
São Paulo
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 32

•
ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 300,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 350,00

Rei foi à guerra mas só fez caçar: África

Evidentemente a crise econômica é geral. Também a França está lutando para conter a inflação e o governo real lançou mão de vários expedientes, como aumento dos impostos sobre as cidades, criação de ofícios, venda de cartas de nobreza, contribuição imposta aos clérigos etc.

Com isso aumentaram os protestos da burguesia, principalmente agora em dezembro de 1575, mês dos presentes.

★

Mais uma vez a Espanha está na bancarrota. A situação é tão grave quanto a dos anos de 1557/59. A dívida do Estado já alcança neste ano de 1574 a casa dos 37 milhões de ducados. Nenhuma das providências tomadas resolveu a crise: aumento das taxas e dos impostos (até para os eclesiásticos) e nem mesmo os empréstimos a 20% aos banqueiros usurários genoveses.

Duque teve comêço e fim desgraçados

Castelo, Itália, 21, abril, 1574 — A Toscana, desde hoje, está sem senhor: morreu o duque Cosme de Médicis, que acabou sua vida desgraçadamente como a comêço.

Cosme foi o criador do grão-ducado toscano. Nasceu em 1519, filho de João das Bandas Negras e Maria Salviatti. Aos 8 anos perdeu seu pai, e sua família foi expulsa de Florença. Aos 18 anos era de energia pouco comum e o imperador Carlos V fê-lo duque.

Cosme ampliou os limites de seu Estado, protegeu os artistas e refreou as veleidades autonomistas dos municípios sujeitos a Florença. A partir de 1562 sua vida privada comêço a passar por lances altamente dramáticos: perdeu a mulher (Leonora) que adorava, as três filhas (Maria, Isabel e Lucrecia) e dois filhos (João e Garcia).

Para o povo, Cosme não passava de um envenenador vulgar e parricida repelente.



COSME DE MÉDICIS
Criou Toscana e foi acusado de parricida

Lisboa, 20, agosto, 1574 (Urgente) — O rei de Portugal partiu hoje para guerrear contra os mouros, na África. D. Sebastião, que estava em Lagos, no sul do país, para onde seguira há 3 dias, a fim de acompanhar a distância a ação das tropas portuguesas no norte africano, escreveu carta a esta capital incumbindo da regência o cardeal D. Henrique.

Outras cartas, escritas também de Lagos, foram dirigidas às várias cidades e vilas do país, pedindo voluntários e comunicando a decisão real.

D. Sebastião viajou com escassas forças militares e com êle seguiram altas figuras da nobreza: D. Duarte, o duque de Aveiro e o conde de Vimioso.

Em Lisboa, a partida do rei ecoou como uma bomba. Várias personalidades consideraram a viagem como uma aventura sem conseqüências benéficas para o país.

ACLAMADO

Ceuta, 24, agosto, 1574 — Chegou a esta cidade a expe-

dição portuguesa sob o comando do rei D. Sebastião, que foi recebido com toda a pompa pelo marquês de Vila Real.

Um porta-voz da chancelaria informou-nos que o rei pretende ficar aqui alguns dias, antes de partir para regiões em poder dos árabes.

REI APENAS CAÇA

Tânger, 10, setembro, 1574

— Há dez dias se encontra nesta cidade o rei D. Sebastião. Ninguém sabe quais são os planos do monarca, que passa os dias em caçadas temerárias, arriscando-se a levar um tiro perdido.

Um dos primeiros atos do rei foi a exoneração do prior do Crato, governador da cidade, acusado de não ter procurado o combate com os árabes.

Os acompanhantes preferidos do rei, nas caçadas e correrias, são Álvaro de Castro, filho de D. João de Castro, o conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, Cristovão de Távora e Manuel Quaresma Barreto. Os outros nobres se negam a acompanhar o rei, alegando que têm sido preferidos.

Diariamente chegam de Portugal novos voluntários para guerrear os árabes. Mas o acúmulo de tropas não tem unidade e receia-se que o rei parta assim mesmo para uma aventura em Larache ou Arzila.

Ao ser advertido pelo bispo Antônio Pinheiro, da diocese de Miranda, sobre o risco de uma ação militar contra tropas bem treinadas, o rei teve uma violenta explosão de cólera e ordenou que o bispo renunciase a seu posto.

Ao que se informa a rainha-avó D. Catarina enviou carta ao rei dizendo que virá à África apanhá-lo se êle não voltar imediatamente para Portugal. D. Catarina conseguiu que Fi-

Papa defende botânico que foi ameaçado

Bolonha, 1574 — Acusado de cultivar, em prejuízo da classe farmacêutica, plantas destinadas à manipulação de um contraveneno doméstico, no Jardim Botânico desta cidade, que criou e dirige desde 1568, o botânico Aldrovandi acaba de ter sua conduta justificada legalmente pelo papa Gregório XIII.

Por causa desse seu procedimento de monopolizador da droga antivenenosa, os farmacêuticos da cidade — classe na qual criou inúmeros inimigos — uniram-se contra êle num protesto, declarando-se prejudicados. O botânico, êste ano, recorreu ao Papa, que tomou o seu partido. Aldrovandi é catedrático de Botânica na Universidade de Bolonha e, como registramos em nossa seção especializada, acaba de publicar um livro.



SEBASTIÃO

Guerra virou caçada

lipe II, da Espanha, negasse provisões de guerra às tropas ora na África.

TERMINA AVENTURA

Lisboa, 2, dezembro, 1574 —

Terminou, afinal, a aventura africana do rei D. Sebastião. O soberano foi recebido em Lisboa aonde chegou sob aclamações populares e, depois do desfile militar, jantou com a rainha-avó Catarina, a quem não via há muito tempo.

D. Sebastião partiu de Tânger a 25 de outubro último, dada a impossibilidade de se impor às forças árabes. No meio do caminho, a esquadra em que viajava enfrentou um temporal e êle mesmo se decidiu a desembarcar em Setúbal e Alcácer antes de seguir rumo a Lisboa.

Diante do ambiente de censura que encontrou na capital do país, o rei prometeu relatar os motivos de sua viagem, num livro a ser publicado brevemente. Ao ser indagado sobre se desistia definitivamente da África, respondeu com absoluta firmeza: «Não!»

CONSPIRAÇÃO

Lisboa, dezembro, 1574 — Fala-se abertamente nesta cidade que estaria em andamento um movimento para cortar os poderes de Martim Gonçalves da Câmara, irmão do confessor do rei e espécie de ministro sem pasta.

Martim é considerado a pessoa mais poderosa em Portugal. Ao movimento não estariam alheios o ex-escrivão de puridade, sr. Pedro de Alcáçova Carneiro, o sr. Álvaro de Castro e Cristovão de Távora.

PILHÉRIA DERRUBA

Lisboa, 1575 — Estaria iminente a queda de Martim Gonçalves, quer por atos de despotismo que êle vem praticando, quer por uma brincadeira que alguns súditos fizeram com o rei.

Uma fonte informou-nos que durante uma das viagens de D. Sebastião, o sr. João de Castilho, para causar ao rei o máximo desagrado, disse-lhe que, enquanto estivesse longe de Lisboa, êle, D. Sebastião, podia despachar à vontade, porque era realmente rei.

D. Sebastião nada respondeu, mas o modo severo como encarou a brincadeira faz prever que os dias de Martim estão contados.

Em reconhecimento à heróica resistência da cidade e ao sofrimento do seu povo, o governador dos Países-Baixos fundou, neste ano de 1575, em «nome do rei», a Universidade de Leiden, primeira instituição de alto saber do país.

Leiden sofreu no ano passado um cerco de vários meses e a criação da universidade é uma tentativa espanhola de restauração do seu prestígio.

★

Bahia, 1575 — O colégio de jesuítas resolveu iniciar êste ano um curso de Teologia para alunos externos. O curso consta de leituras à mesa.

Aliás, outra informação do Colégio diz-nos que há, matriculados ali, na escola elementar, 70 alunos; na superior, 50. Este ano colaram grau os alunos que iniciaram o curso em 1572.

★

O padre Luís da Grã voltou outra vez, neste ano de 1574, à direção do colégio jesuítico na Bahia, substituindo o padre Gregório Serrão.

Pintava mal mas escrevia bem: Vasari

Florença, 1574 — Morreu Giorgio Vasari, pintor que foi o biógrafo dos pintores, arquitetos e escultores italianos.

Vasari, que, como pintor, segundo os críticos, não teria grande repercussão, conseguiu com seu livro um extraordinário êxito e talvez imortalidade.

Êle nasceu em Arezzo, aos 30 de julho de 1511. Aos 16 anos perdeu seu pai, um modesto corretor, e assumiu as responsabilidades da família. Adquiriu certo renome como ourives por volta de 1540 e dez anos mais tarde trabalhou em Roma para o papa Júlio III, ano em que publicou seu livro. Fixou-se em Florença por volta de 1554, a serviço do duque Cosme. Em 1568 reeditou a biografia dos pintores, arquitetos e escultores, ampliada.

Manteve correspondência com Miguel Ângelo e outras célebres personalidades de sua época.



Vasari e sua mulher. Êle pintava mal e escrevia bem

Crítica fria provoca angústia em Torquato

Ferrara, dezembro, 1575 (Urgente) — O poeta Torquato Tasso, de 31 anos, tido atualmente pela generalidade dos intelectuais italianos como o gênio da nova geração, começa a apresentar visíveis sintomas de desequilíbrio nervoso, neste fim de ano, depois de produzir febrilmente desde 1573.

As primeiras manifestações vieram com o extenuante trabalho que teve com a revisão de seu poema "Jerusalém Libertada".

SINTOMAS

Angustiado com a acolhida discreta dada à primeira parte de seu livro, e desencantado pelas críticas recebidas de todas as partes pelo poema que considera sua obra-prima, o poeta vem tendo, pouco a pouco, todas as suas hesitações de artista e seus escrúpulos religiosos mudados em mania de perseguição. Temores místicos, escrúpulo excessivo e mania de grandeza são outros sintomas do desequilíbrio nervoso.

NAO ESTA PRONTO

Apesar do intenso trabalho que tem tido com seu poema, Tasso diz que ainda não o terminou e que a parte dada a público é apenas o início. Continua, não obstante, trabalhando nele.

O poeta terminou, em abril deste ano, a primeira parte do poema, a que deu o título de «Poema de Gofredo». Mas, pela amplitude que está querendo dar à obra, ainda deverá trabalhar alguns anos nêle, até transformá-lo no «Gerusalemme Liberata».

Câmara nova demorou mas está pronta

São Paulo, 14, agosto, 1575 Vereadores de São Paulo não terão mais de ir de ceca e meca para participar das sessões da Câmara: hoje foi inaugurada oficialmente a nova sede do Conselho, toda de taipa, paredes acabadas e armação de ripa.

O prédio, onde a partir de hoje os vereadores paulistas farão brilhar sua oratória, levou oito meses para ficar pronto. Seu construtor foi Álvaro Anes, que o levantou a passo de tartaruga.

Quando as paredes chegaram a regular altura, depois de 2 meses de trabalhos, as obras pararam. A Câmara intimou o construtor a acabá-la até o dia 15 de abril último, sob pena de multá-lo em 500 réis. Apesar disso, a obra não continuava. Anes exigia que lhe pagassem, logo que a perícia considerasse o prédio terminado, mais dois mil e seiscentos réis e pediu madeiramento. Foi assinado contrato com dois carpinteiros para a construção de portas, janelas e cadeiras para vereadores.

Hoje, afinal, a obra foi dada por concluída. O procurador do Conselho leu os gastos de sua construção: treze mil réis. A metade da despesa será paga pelo capitão-mor e a outra metade pelos municípios. Dois cobradores foram nomeados para recolher do povo os 6 mil e 500 réis.

Para os paulistas, a sede da Câmara foi uma das obras mais demoradas de São Paulo, nos últimos tempos.

Último livro de Maurolico é sobre ótica

Messina (Itália), dezembro, 1575 (Do correspondente) — Com 81 anos, dos quais mais de 30 dedicados à Matemática e à Física, morreu nesta cidade, onde nasceu e lecionou durante muitos anos, Francisco Maurolico, italiano de origem grega, conhecido na França pelo nome de Marulle.

Maurolico deixa vários livros, entre eles uma enorme enciclopédia. Como físico, escreveu uma «Ótica», que acaba de ser lançada em Veneza. É a primeira escrita depois do padre Teodorico. Na verdade, ela não contém muita coisa nova.

Sobre a refração, Maurolico crê também que o ângulo de refração é proporcional ao ângulo de incidência. Sua teoria sobre a câmara escura não é superior à de Leonardo da Vinci. No entanto, no que se refere à visão, sua explicação parece estar mais próxima da verdade do que a do físico árabe que viveu no século XI, Alhazen (Ibn al-Haytham), pois Maurolico toma conhecimento da presença do cristalino e, segundo sua teoria, o olho emite raios que exploram os objetos e transmitem as sensações visuais ao espírito.

No seu «Tratado dos Cônicos», ele introduziu as secantes nos cálculos trigonométricos e deu as primeiras regras do cálculo algébrico.

Baianos festejam mártires

Salvador, 15, julho, 1574 — Com epigramas e sermões, esta cidade homenageou, hoje, os jesuítas sacrificados pelo pirata francês Jacques Sore, há quatro anos.

Foi esta a primeira solenidade em que se enalteceu o espírito de sacrifício dos religiosos e a população lhes deu o nome de padroeiros do Brasil.

Apuramos que, entre os mortos, um pelo menos não era jesuíta: João Adauto.

Adauto era sobrinho do capitão da nau Santiago e se ofereceu voluntariamente para morrer com os jesuítas.

Autoridades eclesásticas informam que a festa dos mártires deverá repetir-se em todos os 15 de julho.

CONSULTOU A INQUISIÇÃO

Na angústia em que se debate, Torquato consultou espontaneamente o tribunal da Inquisição de Bolonha sobre seu poema, recebendo dos inquisidores uma «sentença de absolvição». Mas essa sentença não foi suficiente para tirá-lo do inquietante estado de dúvida que o sufoca.

O poeta disse a O BRASIL EM JORNAL, em seu gabinete de trabalho, cercado de uma infinidade de livros e de manuscritos, que pretende, também, consultar ainda o Tribunal da Inquisição desta cidade de Ferrara. Outra atitude que pretende tomar, e que nos revelou com exclusividade: viajar, viajar muito, para ver se espairose um pouco e descansa da vida doentia e agitada que tem levado.

Fugitivos da "Noite de S. Bartolomeu"

Genebra, outubro, 1574 (Correspondente) — Uma verdadeira onda de franceses, fugitivos da Noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572) invadiu esta e outras cidades da Suíça, numa tentativa desesperada de escapar à carnificina.

Esta a conclusão a que o repórter de O BRASIL EM JORNAL chegou ao consultar, dois anos depois, o «Livro dos Habitantes de Genebra», onde a letra apressada, quase ininteligível, mostra como o escrivão teve de escrever rapidamente para registrar os nomes de todos os franceses que para aqui vieram.



SE PARECE, É — Segundo o físico napolitano Giambattista della Porta, o cavaleiro da gravura é teimoso, paciente, preguiçoso, obediente, apesar da força, e come como um boi. Isto porque a sua teoria «metafísica-mágica-espiritualista» diz que os seres de forma semelhante têm caracteres comuns: os homens que se parecem com o asno são, como ele, tímidos e teimosos. Os que se assemelham ao porco são porcos e como tal vivem e agem. A teoria de della Porta tem encontrado sérios adversários.

Duque de Guise salva os católicos da França

Paris, 10, outubro, 1575 (Sucursal) — Henrique de Guise salvou hoje, em Dormans, o catolicismo na França, ao bater o exército huguenote, comandado por Condé e pelo duque Jean-Casimir e do qual fazia parte Francisco, duque de Alençon e irmão do rei, que no dia 15 de setembro fugira da corte para esse fim.

A vitória, que custou a Henrique um profundo ferimento no rosto, evitou o que, na entrevista de Chambord, Catarina não conseguiu do seu filho Francisco: impedir a invasão do país pelas tropas huguenotes. Francisco não aceitou a proposta de passar para o lado da mãe, porque sabia que estava havendo a junção das tropas protestantes de Jean-Casimir e de Damville.

AMEAÇA AO REI

Paris, dezembro, 1575 — Notícias procedentes de Montargis informam que parte da tropa derrotada por Henrique conseguiu fugir e avançar até aquela localidade e está agora ameaçando diretamente o rei.

Em consequência, já se fala na corte na possibilidade da assinatura de um édito de pacificação.

2 ALIANÇAS

Se se confirmar esta notícia agora, este será o segundo acôrdo que protestantes e católicos assinam em menos de dois anos, pois, em agosto do ano passado, foi assinada aliança em Millau.

Estes acôrdos, que evidentemente pressupõem guerra, são um indício de que a ascensão de Henrique III ao trono foi muito próxima do massacre da

Noite de São Bartolomeu, para dar a paz decisiva de que o reino precisa.

Se os católicos viram com satisfação seu antigo chefe subir ao trono, os huguenotes sabem que Catarina, através dele, imporá a sua lei. E a discórdia continua.



O duque de Guise

Índio se diz irmão de Cristo

Salvador, abril, 1574 (Correspondente) — Com pedras verdes e azuladas, que diz serem turmalinas, e uma notícia que encheu de espanto os católicos da cidade (encontrou pelo caminho um irmão de Jesus Cristo), acaba de regressar a Salvador o explorador Antônio Dias Adorno.

Em Pôrto Seguro, disse ele enquanto exibia o fruto de suas descobertas, encontramos seis ídolos de madeira, mas de forma e tamanho de homens, que serviam de alvo aos índios. Os que erravam no tiro ao arco eram considerados fracos e andavam sempre de cabeça baixa. Além disso, o chefe dos selvagens se intitulava filho de Deus e da Virgem Maria, vindo de Portugal para evitar que o crucificassem.

Em seu terreiro havia dois mastros da altura de 6 metros. Num deles o cacique subia quando queria pregar aos companheiros; noutro, garantiu-nos, subia ao céu quando desejava.

Adorno partiu daqui em fevereiro do ano passado, com 150 homens brancos e mais 400 índios e escravos. Subiu o rio Caravelas e prosseguiu pelo interior em marcha a pé, chegando a uma serra que denominou das Esmeraldas. Para regresso dividiu sua gente: parte veio por mar e parte por terra (inclusive ele, que encontrou perto de Jequiriçá o fazendeiro Gabriel Soares de Sousa).

Sobre os frutos de sua expedição, que fôra ordenada pelo próprio governador do Norte, sr. Luis de Brito, disse serem os melhores possíveis.

Morreu médico que descobriu "trompa"

Roma, dezembro, 1574 (Sucursal) — O médico que descobriu uma espécie de trompa, que estabelece a comunicação entre o ouvido-médio e a faringe, morreu este ano, segundo notícias chegadas a nossa sucursal. Seu nome é Bartolomeu Eustáquio, que deixa também outra importante descoberta: uma válvula na embocadura da veia cava inferior.

Eustáquio fez do método de observação a base de suas pesquisas científicas. Por isso, suas descrições são tão precisas. Ele deixa também várias obras importantes e belas pranchas destinadas a uma grande obra de anatomia, que não pôde realizar.

A «trompa» descoberta por Eustáquio é composta de um canal, em parte ósseo, em parte fibro-cartilaginosa e membranosa, do qual uma das extremidades se prolonga até a cavidade do tímpano, e a outra à parte lateral e superior da faringe. Este canal, de cerca de 5 centímetros, faz comunicar o ar exterior com a caixa do tímpano, o que é uma condição da audição.

Bartolomeu Eustáquio, que nasceu em São Severino, Itália, se popularizou, também, pelos ataques que dirigiu ao seu colega Vesale e fez outra descoberta importante: a estrutura anatômica dos dentes.

Pai empenhou filho Garcia foi para salvar cidade conquistar os sertões

Goa, 1575 — A situação do tesouro português na Índia é tão grave que o vice-rei, sr. Antônio Moniz Barreto, teve de empenhar um filho, menino de 8 anos, para conseguir o dinheiro com que armou as tropas contra os invasores de Málaca.

Moniz Barreto ocupava o governo do Extremo Oriente e foi indicado no ano passado para substituir Antônio de Noronha na Índia.

O primeiro passo do novo governador foi defender Málaca, sitiada por soldados da rainha Japara e do rei de Achém. Para isso, precisava de dinheiro e pediu um empréstimo de 20 mil pardaus ao Senado de Goa, que lhe negou auxílio. Barreto empenhou o filho e os senadores concederam-lhe afinal o que ele desejava. Graças a isso, Málaca salvou-se.

Este ano, novo fato gravíssimo veio a ocorrer. O filho do rei de Ternate (que o capitão Diogo de Mesquita mandou assassinar em 1568, como noticiamos) cercou a fortaleza ali existente e a ocupou.

Despacho vindo daquela cidade assegura-nos que o príncipe declarou, ao ocupá-la, que ficaria como depositário do rei de Portugal. Queria vingar-se do assassinio de seu pai. A exceção do português que matou o velho rei, todos foram poupados em Ternate.

Rei doou Angola

Angola (Africa), 1575 — Com os mesmos poderes dados aos primeiros donatários do Brasil, desembarcou aqui Paulo Dias de Novais, vindo de Portugal disposto a colonizar a região.

No ano passado, Novais recebeu do rei D. Sebastião ampla doação, desde o rio Dande até o rio Quanza. Ao lado dos vastos poderes recebidos, Novais, que desembarcou com 800 homens, será obrigado a construir três castelos de pedra e cal.

Ainda por imposição legal, ele foi obrigado a trazer na sua expedição 8 nedreiros, 4 cavouqueiros, 6 taípeiros, um médico e um barbeiro.

Avarento em cena: rico dá até jóia

Olinda, 1575 — Por causa de uma peça representada nesta cidade, os ricos quiseram, senão ser, pelo menos aparentar que eram menos ricos. Título da peça que fez este milagre: «O rico avarento e o lázaro pobre».

Os artistas, na maioria alunos dos jesuítas, tiraram tantos e tão belos efeitos dramáticos da peça, que os espectadores ficaram edificadas. A figura sórdida do avarento e o aspecto miserável do pobre lázaro fizeram com que, no final da peça, os ricos do auditório sentissem vergonha de mostrar tanta riqueza. Muitos espectadores se despojaram de suas jóias e adereços para dá-los aos jesuítas.



Barreto: um filho pela fortaleza

Capitão fujão ficou zangado: roca e fuso

Pernambuco, 1575 — Uma roca e um fuso de fiar postos no caminho das tropas do ouvidor Fernão da Silva, que aqui vieram para combater índios da Paraíba, provocaram sério atrito entre o ouvidor e algumas pessoas importantes da capitania.

No começo deste ano, os índios atacaram o engenho que Diogo Dias levantara em Tracunhaém. O governador do Norte do Brasil, sr. Luís de Brito, mandou que o ouvidor castigasse os selvagens.

Fernão da Silva ocupou o rio da Paraíba e correu atrás dos índios, mas a verdade é que jamais os alcançou. A situação todavia se transformou quando os índios se cansaram de fugir e atacaram os homens brancos. A caça passou a caçador e Fernão da Silva e seus soldados se homiziaram em Itamaracá. Próximo desta cidade, uma surpresa os esperava: eram o fuso e a roca. Para o ouvidor isso era como se lhe tivessem dito que ele e suas tropas não eram de grandes realizações.

Houve inquérito policial-militar e descobriu-se o culpado: um môço de família distinta, que compareceu perante Fernão da Silva com uma vara na mão e a ofereceu ao ouvidor,

Prêso quer processo

Lisboa, 30, dezembro, 1575 (Urgente) — O padre Antônio de Gouveia, que foi prêso em Pernambuco, conforme na época anunciamos, solicitou hoje audiência aos membros do Tribunal da Inquisição a fim de ser despachado ou ser acusado dos crimes que lhe imputam. Gouveia pretende, com o recurso, defender-se livre.

Bahia, 28, fevereiro, 1575 — Um rico e poderoso criador de gado no norte desta capitania chegou hoje às margens do rio Real. Trata-se do sr. Garcia d'Ávila, que, na companhia de dois jesuítas (padres Gaspar Lourenço e João Solônio), tenta conquistar aos índios territórios ainda muito mal conhecidos, entre a Bahia e Pernambuco.

Garcia estabeleceu, ao que se informa, um pequeno povoado nas terras que acaba de percorrer. Seus companheiros jesuítas deixam-no rumo ao sertão desconhecido, onde se diz viverem milhares de índios que há sete anos agitaram o interior da capitania.

Uma fonte de Salvador, ligada ao governador Luís de Brito, informou-nos por outro lado que também ele aprova a empresa de Garcia, mas não do modo como ela foi conduzida, com poucas tropas.

O governador, disse-nos o informante, pretende no próximo ano ir em pessoa além do Rio Real para fundar uma cidade naquelas paragens.

LIVROS E AUTORES

Carlos IX não pôde terminar o livro que estava escrevendo sobre o seu divertimento preferido: a caça ao veado. Quando adoeceu tinha prontos 29 capítulos, sobre os quais este colonista só conhece a opinião do embaixador italiano Cavalli: «é a melhor coisa que já li sobre o assunto», disse ele em uma roda de diplomatas, logo após a morte do rei.

Paris, 1575 — O jovem François de Malherbe, de 20 anos, que parece disposto a seguir para a Provença, radicando-se na corte de Henri d'Angoulême, bastardo de Henrique II, anunciou muito particularmente a este colonista que tem pronto um livro, com o título de «As lágrimas na morte de Geneviève Rouxel».

Lyon, 1575 — Jean Nostradamus, irmão do famoso adivinho morto há nove anos, acaba de publicar um livro, nesta cidade. Seu longo título: «Vidas dos mais célebres e antigos poetas provençais que floresceram ao tempo dos condes de Provença». Jean é poeta e procurador junto ao Parlamento de Provença.

O economista, magistrado e filósofo francês Jean Bodin adjuntou a este colonista que espera lançar no próximo ano os seus «Seis Livros da República», onde procura justificar, no plano jurídico, o poder absoluto do rei. Bodin já ganhou as simpatias de Henrique III.

Por coincidência, várias publicações surgiram agora em 1575, apresentando tese oposta à que vai ser defendida por Bodin. Temos em mão dois trabalhos de autoria de F. Hotman: «O Discurso maravilhoso da vida» e «Atos e deportamentos da rainha Catarina de Médicis». Tese defendida em ambos: o rei deve ser contido pelos Estados-Gerais e pelos oficiais da coroa.

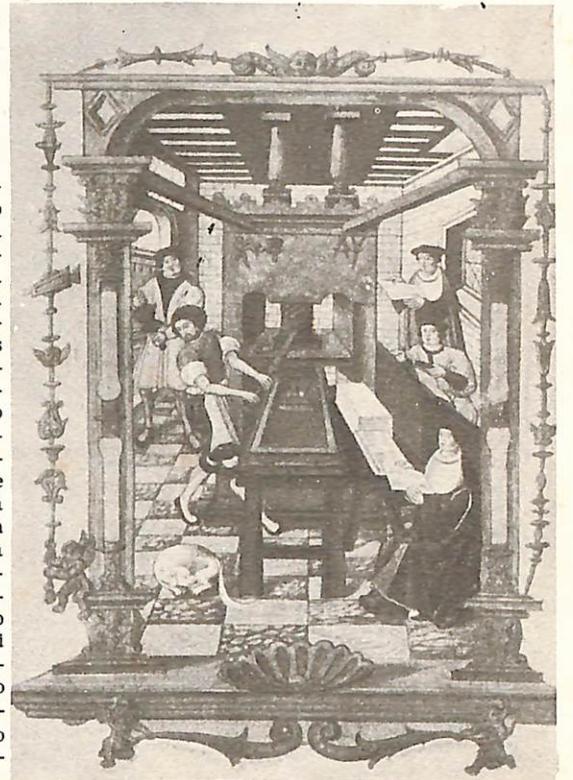
Ulisses Aldrovandi, médico e naturalista bolonhês de 52 anos, também advogado, acaba de publicar um livro: «Epítome de antidotos bononienses», que, a partir deste ano de 1574, poderá servir de protótipo a todas as farmacopéias. Aldrovandi ocupa a cátedra de Botânica na Universidade de Bolonha desde 1560.

Francfort, março, 11, 1575 — Matteus Flacius, teólogo luterano, morreu hoje nesta cidade, com 55 anos. Flacius desempenhava, desde a morte de Martinho Lutero, o papel de chefe de uma das duas corren-

tes que se formaram entre seus partidários: a rigorista, em oposição à moderada, que era liderada por Melanchton. Deixa diversas obras de exegese, sendo a mais interessante, «A chave das Santas Escrituras» (1567), pela originalidade. Deixou também obras históricas, como o célebre «Catálogo das Testemunhas da Verdade», no qual enumera todos os precursores da Reforma, e foi um dos principais autores das «Centúrias de Magdeburgo». Publicou ainda um repositório de poesias goliárdicas: «Varia doctorum piorumque virorum de corrupto ecclesiae statu poemata».

POVO LÊ MAIS

Com o aumento crescente do consumidor, a impressão de livros é hoje uma grande indústria. Há sempre lançamentos novos (veja nossa seção) e as tipografias não dão conta das encomendas. A oficina que aparece na gravura está localizada em Paris e é uma das mais procuradas. Seu proprietário disse ao colonista que vai ter que aumentar o número (atualmente cinco, sem contar o cachorro) de empregados.



Marido perde cabeça

Goa, 1574 — Quando mulheres se intrometem nos negócios de seus maridos pode acontecer o que se deu agora com o capitão de Chalé, sr. Jorge de Castro, que perdeu a cabeça em praça pública.

Chalé estava sitiada por grandes forças inimigas e o capitão Jorge, seguindo um conselho da esposa, que lhe pareceu prudente, entregou a praça ao invasor. Foi a primeira vez que portugueses abandonaram uma praça militar no Extremo Oriente.

O rei D. Sebastião, ao saber do ocorrido, determinou que D. Jorge fôsse degolado publicamente, como castigo.

As dez resoluções do Concílio de Trento

Roma, 17, fevereiro, 1575 (Da sucursal) — Apesar de passados mais de dez anos que o Concílio de Trento terminou, nenhum jornal do mundo conseguiu recolher para publicar os resultados a que chegaram os legados naquela ocasião. Pelo interesse que eles contêm e para comemorar os dez anos de lançamento da bula de Paulo IV, é que publicamos os dez itens principais aprovados no 19º Concílio Ecumênico. Este extraordinário trabalho devemos ao nosso companheiro Antônio Melledone, que durante tanto tempo foi o correspondente de O BRASIL EM JORNAL em Trento.

AS FONTES DA FÉ

O primeiro ponto em litígio era o das Fontes da Fé, pois os protestantes só reconheciam autoridade na Bíblia. O Concílio precisou então que «a verdade e a disciplina estão contidas nos livros da Escritura e nas tradições não escritas». Estas tradições, ele ensina, são as transmitidas por Cristo até nossos dias, através dos apóstolos e sob a inspiração do Espírito Santo.

Há, portanto, duas fontes igualmente autorizadas para o dogma e a disciplina católica: as Sagradas Escrituras e as tradições. A palavra Tradição compreende os decretos dos concílios reconhecidos, as decisões e o consentimento da Igreja Universal, contanto que tudo isso caia sob a promessa de assistência do Espírito Santo.

O PECADO ORIGINAL

O Concílio atribuiu a existência deste pecado a Adão, desde que ele violou, no Paraíso, a ordem de Deus. Por isto, o primeiro homem perdeu imediatamente a santidade e a justiça, nas quais havia sido criado e, com ele, toda sua descendência. Este pecado, que está em nós todos, só pode ser remido pela aplicação dos méritos do único mediador, Jesus Cristo, que com seu Sangue nos reconciliou com Deus. Esta aplicação se faz pelo Batismo, tanto das crianças como dos adultos, que apaga em nós todo o pecado original.

É verdade que a concupiscência não desaparece com o Batismo, mas só permanece para ser combatida. Ela é pretexto para uma luta, pela qual o fiel soldado de Cristo será coroado. O Concílio adverte que a classificação de pecado dada por São Paulo à concupiscência não deve ser tomada rigorosamente. Ele assim o fez porque ela inclina ao pecado. Finalmente, o decreto proclama que tudo quanto ele ensina sobre a universalidade do pecado original, não atinge a Virgem Maria — sem declarar ainda que ela foi imaculada em sua concepção.

A JUSTIFICAÇÃO

O dogma da Justificação se liga estreitamente ao do pecado. Por este, o homem não fica privado do livre arbítrio que, no entanto, é enfraquecido. Foi para vir em ajuda do homem caído que Deus enviou seu divino Filho. Só por ele é possível renascer para a vida da graça, renascimento que se chama Justificação e que não pode ocorrer sem o Batismo ou o desejo de ser batizado.

A Justificação consiste não só na remissão dos pecados anteriores, mas numa santificação e renovação interior do homem por uma livre recepção da graça e dos dons. Por ela, o homem torna-se justo, amigo de Deus, herdeiro, em esperança, da vida eterna. As causas da Justificação são as seguintes: 1 — causa final: a glória de Deus e de Cristo e a vida eterna para nós; 2 — causa eficiente: a gratuita misericórdia de Deus; 3 — causa meritória: Cristo, que em razão de seu excesso de caridade, quando éramos inimigos, nos fez merecer a Justificação por sua santa paixão sobre a cruz; 4 — causa instrumental: o sacramento do Batismo; 5 — causa formal: A justiça de Deus mesma, não aquela pela qual ele é justo, mas a que nos torna justos.

O pecado venial não arrebatava a Justificação e Deus não abandona ninguém, a não ser que seja abandonado. O Concílio repete com veemência a doutrina da certeza da predestinação e da justiça inamissível, que Calvino propagava. Houve sempre aqui a preocupação de insistir sobre a necessidade de «operar a nossa salvação com temor e com tremor», contando firmemente com a bondade de Deus, que assegura a perseverança final. Até o fim o cristão sabe que vai lutar contra a carne, contra o mundo, o demônio, e que só pode sair vencedor desses combates com a graça de Deus.

BATISMO

Abordando em seguida a questão dos sacramentos, o Concílio impôs a fé ao septenário sacramental, sob pena de anátema. Mostrou a diferença de natureza entre os sacramentos da nova Lei e os da antiga, que eram exteriores. Os sacramentos da nova Lei, ao contrário, são sinais sensíveis, eficazes, produzindo a graça. Eles não são todos iguais em dignidade, nem necessários a todos, mas nenhum é ineficaz ou superfluo. Sua eficácia não consiste só em alimentar a Fé, como queria Lutero, pois eles conferem graça a quem os recebe.

Três desses sacramentos imprimem um caráter e, por esta razão, não podem ser reiterados: o Batismo, a Confirmação e a Ordem. É heresia atribuir a todos os cristãos o poder de administrar todos os sacramentos.

Depois de reconhecer a autoridade da Igreja romana no Batismo, o concílio admite a validade do Batismo conferido por hereges, contanto que eles tenham a intenção de fazer o que faz a Igreja. Ele mostra, ainda, a abso-

luta necessidade do Batismo para a salvação e condena a heresia dos anabatistas que proibe o Batismo das crianças ou exige sua reiteração na idade adulta.



Aqui desta sala, a Igreja Católica saiu mais forte e a religião mais pura

luta necessidade do Batismo para a salvação e condena a heresia dos anabatistas que proibe o Batismo das crianças ou exige sua reiteração na idade adulta.

Três cânones sobre a Confirmação afirmam o caráter sacramental deste rito, repelem a ideia de que ele é injurioso ao Espírito Santo, e ensinam que a administração do sacramento é reservada ao bispo, como ministro ordinário, deixando entender que o padre pode ser o ministro extraordinário.

A EUCHARISTIA

Mais importante ainda que os decretos que acabamos de analisar é este sobre o sacramento da Eucaristia. Após um solene preâmbulo, como para marcar a gravidade do assunto a ser tratado, o Concílio ensina: 1 — a real, verdadeira e substancial presença de Jesus Cristo neste sacramento, após a consagração; 2 — a instituição da Eucaristia, por Jesus Cristo, como alimento das almas, antídoto contra as faltas cotidianas, penhor da vida eterna e da união dos cristãos a Cristo e entre eles; 3 — A excelência deste sacramento sobre todos os outros, em virtude da presença de Cristo, como homem e como Deus; 4 — o mistério da transubstanciação, que quer dizer a conversão de toda a substância do pão do corpo de Cristo e de toda a substância do vinho do sangue de Cristo; 5 — a adoração devida a este sacramento, na medida em que ele contém o Homem-Deus, que merece nossas

adorações em toda a parte em que estiver; 6 — a legitimidade do uso de conservar o santíssimo sacramento e de o levar aos doentes; 7 — a necessidade de se preparar para a comunhão pela confissão prévia de todo pecado mortal de que se tenha consciência; 8 — a maneira tradicional de receber este divino sacramento, não ao modo dos pecadores, que o recebem para sua condenação, mas como justos que recebem os frutos.

Na sessão XXI, do dia 16 de julho de 1562, foram estabelecidos os decretos da comunhão sob única espécie e a não obrigação de comunhão para as crianças de pouca idade.

A MISSA

A Eucaristia, na doutrina católica, não é somente um sacramento oferecido aos homens. É antes de tudo um sacrifício oferecido a Deus. Este era um dos pontos que os protestantes, com unanimidade e virulência, rejeitavam. Na XXII sessão, de 17 de setembro de 1562, o Concílio promulgou a fé católica sobre esta questão de importância capital:

1 — A antiga Lei não pode conduzir o sacerdote à sua perfeição. O Sacerdote perfeito foi Jesus Cristo, cujo sacrifício essencial foi o da cruz. Mas como ele só podia ser oferecido uma única vez, devia oferecer a seu Pai o sacrifício puro do qual falou o profeta Malaquias. E por isso que, na véspera de sua morte, na Ceia, ele instituiu o sacrifício de seu corpo e de seu sangue, para ser a memória e a re-

cepção da graça no sacramento da penitência.

PENITÊNCIA

Nos decretos sobre a Justificação, foi muito discutido o problema da Penitência, mas os numerosos erros dos protestantes sobre o assunto obrigaram o Concílio a estabelecer com autoridade o verdadeiro ensinamento da Igreja neste domínio. O ensinamento resume-se nos seguintes pontos:

1 — Para todos os pecados cometidos depois do Batismo, há um sacramento diferente do Batismo, que se chama Penitência e que é «uma segunda tábua de salvação após o naufrágio».

2 — Este sacramento foi instituído por Cristo quando ele disse aos apóstolos: «Recebei o Espírito Santo: a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados — a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos».

3 — Para a perfeita remissão dos pecados, não basta ter fé no Evangelho, mas três atos são exigidos do penitente: a contrição, a confissão e a satisfação, que são como a matéria do sacramento, enquanto que a absolvição do padre é a forma.

4 — A contrição é um sentimento muito útil de detestação dos pecados cometidos com o firme propósito de não mais os cometer. Ao contrário de tornar o homem hipócrita ou mais criminoso, como sustentam os protestantes, ela prepara diretamente a

«ligar», como o fazem os padres ao impor as penitências.

A EXTREMA-UNÇÃO

A respeito da Extrema-Unção, que muitos protestantes rejeitaram como sendo invenção humana, o Concílio ensina: 1 — Ela é um sacramento verdadeiro e propriamente dito, instituído por Cristo e promulgado por São Tiago; 2 — Este sacramento confere a graça, perdoa os pecados e conforta os enfermos; 3 — O rito deste sacramento não deve ser alterado nem desprezado pelos cristãos, porque ele não difere em nada do texto de São Tiago; 4 — O ministro deste sacramento só pode ser o padre.

ORDENAÇÃO

Uma consequência imediata do dogma do sacrifício da missa é que há na nova Lei um sacerdócio autêntico e visível. O Concílio põe em relevo o laço entre um e outro dogma, e promulga os seguintes decretos:

1 — Existe no Novo Testamento um sacerdócio visível e eterno que consiste no poder de consagrar e oferecer o verdadeiro corpo e sangue de Cristo e perdoar os pecados e não só pregar o Evangelho.

2 — Além do sacerdócio, existem na Igreja outras ordens, maiores e menores, pelas quais ascende-se ao sacerdócio.

3 — A ordem ou rito da ordenação é conferida por um sacramento verdadeiro, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo e não uma invenção devida à ignorância dos séculos.

4 — Pela santa ordenação, o Espírito Santo é realmente dado e não é em vão que o bispo pronuncia estas palavras, dando um caráter indelével: «Recebei o Espírito Santo».

5 — No ritual da ordenação, a unção sagrada usada na Igreja e as outras cerimônias tradicionais não podem nem ser desprezadas nem ser consideradas perniciosas, mas devem ser observadas estritamente.

6 — Há na Igreja, em virtude da ordenação divina, uma hierarquia constituída pelos bispos, padres e os ministros inferiores.

7 — Na hierarquia, os bispos são superiores aos padres e têm o poder de confirmar e ordenar. O consentimento do poder civil ou do povo não é requerido para a validade da ordenação. Toda ordenação feita fora da autoridade eclesial e canônica não tem valor.

MATRIMÔNIO

Restava finalmente o sacramento do Matrimônio. No dia 11 de novembro de 1563, a assembleia promulgou, na sua XXIV sessão, os seguintes decretos:

1 — O casamento é verdadeiramente e no sentido próprio um dos sete sacramentos instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo e não uma invenção humana da Igreja;

2 — A lei divina proíbe aos cristãos ter de uma vez várias esposas;

3 — Cabe à Igreja estabelecer a lista de impedimentos dirimentes ou proibitivos;

4 — O laço matrimonial não é desfeito pela heresia, nem por uma coabitação desagradável, nem por uma ausência sistemática;

5 — Ao contrário, o matrimônio efetivo, mas não consumado, é desfeito pela profissão solene religiosa dos dois cônjuges;

6 — É heresia sustentar que a Igreja se engana ensinando que o adultério não anula o casamento, que nem o cônjuge inocente pode casar-se enquanto o outro viver, e que tal casamento é considerado adultério. Heresia semelhante é afirmar que a Igreja está errada quando decreta a separação de corpos em alguns casos;

7 — Nem os clérigos nas Ordens sacras, nem os religiosos de votos solenes podem contrair casamento, mesmo que não se sintam feitos para observar o voto de castidade que eles emitiram, porque Deus não recusa este dom aos que lhe pedem convenientemente e não admitirá que eles sejam tentados além de suas forças.

8 — O estado conjugal não pode ser colocado acima do estado de virgindade ou de celibato, mas, ao contrário, é melhor e mais feliz ficar na virgindade e no celibato que entrar no estado de casamento;

9 — Não é superstição pagã ou tirânica proibir a solenidade do casamento em certa época do ano;

10 — As causas matrimoniais são de competência exclusiva dos juizes eclesialísticos.